

5 RS

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF  
CTF Nº 7542

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PROVA DE RESISTÊNCIA  
ato único de MARCÍLIO MORAES



CENÁRIO:

Um tablado circular no meio do palco. Os elementos de cena ficam a critério do encenador.

PERSONAGENS:

O grande número de personagens pode ser resolvido com a utilização do sistema-coringa, isto é, um mesmo ator poder desempenhar vários papéis.

Época:

Não há necessidade de marcar uma época definida para o desenvolvimento do texto.

AUTOR:

MARCÍLIO MORAES é fluminense de Petrópolis, contista, jornalista, autor premiado pelo Serviço Nacional de Teatro. Seu texto mais famoso é MUMU, A VACA METAFÍSICA.

**NARRADOR** - Senhoras e senhores, boa-noite. Os senhores estão vendo um ciclista, aparentemente como outro qualquer. Vejamos o movimento ritmado de suas pernas - impulsiona a bicicleta, que desliza suavemente em algum lugar deste imenso país. Nosso herói vem de uma pequena cidade do interior, onde é conhecido por Zeca. Mas aqui, onde está hoje, ninguém o conhece. É apenas um ciclista que realiza uma prova de resistência numa praça cercada por uma corda. Ele pretende ficar oito dias pedalando sem parar. Pedalando, pedalando, dia e noite, no pequeno círculo em que está confinado.

As regras são simples. Ele não pode parar de pedalar e se houver algum acidente só tem um minuto para se recuperar. Mais que isso, estará desclassificado. As pessoas que passam pela rua olham com desconfiança para ele. Algumas param, fazem comentários irônicos, riam. Uma ou outra lhe dirige uma piada.

**CICLISTA** - Inbecis, o que me importa o que pensam. Queria ver qualquer um deles aqui em cima de bicicleta, fazendo o que eu estou fazendo. É sempre assim, quando alguém quer fazer alguma coisa de grande importância, os inbecis riam. Mas que que eles fazem na vida? Nada. Sempre nessa vidinha sem futuro, que nunca vai mudar. Como as peixes se iludem com as próprias forças. Mas eu não. Eu não nasci assim. Sempre fui forte, tive boa saúde. O que me faltava era coragem. Eu tinha medo de seguir meu próprio destino. Mas no fundo eu sabia que um dia ia ter coragem, que um dia eu ia largar aquela vidinha. Ainda ontem eu estava em dúvida, achava que não ia aguentar. Mas eu agora estou aqui e vou conseguir. E ninguém vai mais me segurar. Cada minuto, cada segundo que passa eu estou mais perto de vitória. As pernas estão firmes, nunca estiveram tão firmes. O que me faltava era estímulo. Engraçado, nunca ninguém me deu estímulo. Aquele bebado vivia dizendo que eu não ia dar pra nada, que eu era um vermes, que ia sempre ficar agarrado nas saias da mãe. Ele que nunca deu pra nada. O cachorro ficou de porre a vida inteira e falava de mim, mas que que ele fazia? Nunca foi homem pra nada, só foi homem pra bater na mãe. Mas pra que que eu estou pensando nisso? Isso já acabou. Eu agora estou partindo pra outra vida.

**NARRADOR** - Mas você pensa nisso, você não pode esquecer.

**CICLISTA** - Não. Eu não penso mais. Já esqueci aquilo. Não tenho nada a ver com eles.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NARRADOR - Você tem. Ainda está tudo aí dentro da tua cabeça. Cada palavra, cada ruído no escuro. Você não pode esquecer. Isso ainda dói dentro de você.

CICLISTA - Não, eu não lembro.

NARRADOR - Lembra, já é noite alta. Você está deitado mas não dorme. Você tem medo. A qualquer momento ele pode entrar. E então vai começar tudo de novo. O mesmo inferno de sempre. Você se encolhe mais, cada vez mais.

INDICINA-SE CENA DOCA CRIANÇA.

SEBASTIÃO - Júlia, onde que você está, mulher?

JÚLIA - Já vai, não grita. Vai acordar o menino.

SEBASTIÃO - E ela por acaso é algum anjo que não pode ser acordado? Cadê a janta?

JÚLIA - Eu vou preparar.

SEBASTIÃO - Que que tem?

JÚLIA - Só tem sopa com batata.

SEBASTIÃO - Você não comprou carne?

JÚLIA - Comprar com que? Você não deixou nem um tostão em casa.

SEBASTIÃO - Comprava fiado.

JÚLIA - Que importância.

SEBASTIÃO - Por que? Aquela merda daquele açougueiro não fia mais pra mim? Que que ele tá pensando que é?

JÚLIA - Faz muito bem. Você não paga ninguém mesmo.

SEBASTIÃO - Não correja ano provocar não. Esquentá essa sopa dum par e nome de minha frente que eu hoje não estou bem não.

JÚLIA - Cala a boca, desgraçado. Devia pelo menos respeitar o teu filho que está dormindo.

SEBASTIÃO - Não fica falando pelas costas que eu te arrependo as fúrias, eu não gosto disso não.

JÚLIA - Não gosto porque você sabe que todo mundo na cidade fala de você. E você não quer ouvir. Mas devia ouvir pra ver se voltava a ter vergonha na cara.

SEBASTIÃO - Ah, sua vagabunda. Eu te arrependo essa cara.

JÚLIA - Miserável, covarde.

SEBASTIÃO - Cala a boca.

JÚLIA - Não cala não. Você desgraçou a minha vida, mas agora vai ter que ouvir.

JULIA - Você pensa que eu fico com você porque gosto? Está muito enganado. Por mim já tinha ido embora há muito tempo.

SEBASTIÃO - Cala a boca, to te avisando, cala a boca.

JULIA - Só falo por causa do meu filho. Mas todo mundo diz que pra ele ser melhor não ter pai, a ter um pai como você.

SEBASTIÃO - Ah, desgraçada. Quer dizer que enquanto eu estou trabalhando pra você ainda aí de fuxico contra mim, não é?

JULIA - Me larga, covarde, na larga.

SEBASTIÃO - Que que é que você anda de mexerico? Fala.

JULIA - É a mãe precisa saber de mexerico pra ouvir o que dizem de você. Até tua própria família fala que você é um bebado intencional.

SEBASTIÃO - Mentira. É você que vive enchendo a cabeça de todo mundo contra mim.

JULIA - Pode me bater, sua covarde. Você faz isso porque é um desgraçado, um bebado que nunca deu pra nada na vida. Não precisa encher a cabeça de ninguém não. Todo mundo sabe o que você é. Você acha que a vizinhança não sabe de seus escândalos? Não sabe que a gente passa fome? Que a gente você ganha não dá nem pra comprar roupa pro menino, nem que a minha mãe vai trabalhar?

SEBASTIÃO - Cala a boca ~~na puta~~ sua vagabunda. Vou te tapar seus olhos sua pra sempre.

JULIA - Secreto. ( APROXIMA-SE DE ZOCA ) Pelo menos tem dó do teu filho. Ele não tem culpa. Eu sei que você não tem mais respeito por nada. Mas ele é inocente, olha como ele está assustado.

SEBASTIÃO - Cala a boca. Até meu filho você quer jogar contra mim? Ela é falsa, meu filho. Ela quer te enganar. É ela que desgraça a minha vida, que fica dizendo pra todo mundo que seu pai não presta. Quando você ver ela falando mal de mim, você vem me contar. Não fica do lado dela não. Fica do lado do seu pai. Seu pai é bom.

JULIA - Não sabe não querer enganar não. Ele sabe muito bem quem você é. Você pensa que ele não tem vergonha de você? Pois tem não. Até no colégio a professora já falou. Disse pros outros alunos não andarem com ele. Que você era mau exemplo e ele ia ficar igual a você.

SEBASTIÃO - Mentira, larga ele. Ele é meu filho.

JULIA - Não, não. Solta ele, bebado desgraçado, maldito.

SEBASTIÃO - Tô aqui.

JULIA - Deixa o meu filho, você vai matar ele.

SEBASTIÃO - Sal. Não fica com medo não, meu filho. Papai está aqui com você. Não liga pro que falam do seu pai não. É tudo mentira. Elas é que não valem nada. Um dia eu vou levar você embora daqui. Nós vamos pra outra cidade. Ai eu vou te dar uma porção de coisas. Porque você está chorando? Não precisa ter medo não. Amanhã vou trazer um presente pra você. Você quer? Responde. Não fica com medo não. Seu pai só estava brincando. Mamãe e papai não vão brigar mais não. Que que você tem? Porque está todo molhado? Você se mijou? Mijou nas calças? Está vendo, Julia? Então desce jeito, se mijou todo.

CICLISTA - Quem tem dinheiro, quem anda todo beneditinho, é de família rica, pensa que é melhor que os outros. Me lembro do Fedrinho. Era um sacana, filhinho de papai, um bobalhão. Pensava que era melhor do que eu. Queria ver ele andar o que eu estou fazendo. Ficar oito horas, digo, dias na bicicleta, oito dias. Ele achava que porque morava no Rio era melhor que a gente. Vivia gozando e pescando lá da Serra. Também, todo mundo puxava o saco dele. Não é pra menos. Todas férias ele chegava. Quando viam o cara não ficava todo mundo com fogo no rabo. Pareciam que as putas, Na rua se falavam nisso. Eles guardavam o olho que o homem chegava. Tinha gente ali que era capaz de saber o dia que ele tinha chegado lá há quinze anos atrás. Doutor Raimundo, Doutor Raimundo. Um bom filho de puta que ele era, isso sim. E eles se faltavam com o caso dele. No outro dia de manhã já estava o Fedrinho fazendo aquela zoeira com a motocicleta pela cidade toda. Passava na disparada, quase atropelava todo mundo. E eles se faltavam pedir desculpas por estar na rua, se faltavam. Pensando direito eu fico até com pena dele. Quando o Fedrinho ficou meu amigo começaram a me tratar diferente. Fovinho hipócrita mesmo. E olha que eu nem dava bola pra ele. Cegava pra ele, pra pai dele. Achava que eu ia puxar o saco dele só porque era rico. Estava muito enganado. Tanto que foi ele que veio puxar conversa comigo. Deve ter percebido logo que eu não era igual aquela criatura. A vida é assim. Se a gente não dá bola pro outros, eles então vão procurar. Mesmo sendo rico, e que for. Ainda me lembro direitinho. Eu tinha ido levar o almoço de pai e estava voltando pela estrada. Daqui e daí eu via o ronco da motocicleta atrás de mim. Ele parou. E eu não sei, continuei andando.

FEDRINHO - Ei, espera aí.

CORREIA

ZECA - Ei?

PEDRINHO - Claro, tem mais alguém aqui? Você não é filho do Sebastião?

ZECA - Sou.

PEDRINHO - Teu pai agora é empregado do meu.

ZECA - Eu sei. Vai levar o moço pra ele.

PEDRINHO - Como é teu nome?

ZECA - Zeca.

PEDRINHO - Isso é nome de gente?

ZECA - Todo mundo me chama assim. Quantos quilômetros anda essa bicha?

PEDRINHO - Duzentos quilômetros.

ZECA - Duzentos quilômetros, puxa, pensei que só desse uns cem.

PEDRINHO - Você nunca andou numa dessas?

ZECA - Já. Eu tinha um amigo que tinha uma.

PEDRINHO - É? Como é que eu nunca vi nenhuma moto aqui?

ZECA - Faz tempo. Às vezes eu ia com ele até lá em cima na cachoeira.

PEDRINHO - Quem era esse cara?

ZECA - Meu pai.

PEDRINHO - E anda ele?

ZECA - Foi morar no Rio. Agora comprou uma motocicleta maior que a sua. Quando eu vou lá nós andamos aquilo tudo.

PEDRINHO - Você já foi ao Rio?

ZECA - Já, né. De vez em quando eu vou, com meu pai.

PEDRINHO - Que bairro você fica?

ZECA - Não sei. Não lembro.

PEDRINHO - Não lembra? Você não disse que anda tudo por lá.

ZECA - Não agora me esqueci. Eu tenho que ir embora. Minha mãe está esperando.

PEDRINHO - Espera aí. Montta aí que eu te levo.

ZECA - Não posso.

PEDRINHO - Por que?

ZECA - Minha mãe não gosta que eu ande nessas coisas.

PEDRINHO - Mas você não andava com teu primo? Vem.

ZOCA - Ela morreu.

PEDRINHO - Você é bobo. Vanta aí. Eu quero ser teu amigo. Não temo nenhum amigo aqui. Você não quer ser meu amigo?

ZOCA - Não te conheço ainda.

PEDRINHO - Não faz mal, a gente começa a se conhecer. Quem é o teu melhor amigo?

ZOCA - Não temo. Quer dizer, é meu primo. Mas agora ele foi pra Rio. Então agora não tenho nenhum amigo.

PEDRINHO - Então não temo amigo. Amanhã você vai na minha casa. Tem umas coisas boas pra gente fazer lá.

ZOCA - Não quero falar com minha mãe primeiro.

PEDRINHO - Deixa que eu falo. Então, vamos ficar amigos?

ZOCA - Vá lá.

PEDRINHO - Então date aqui.

CICLISTA - Amigo, amigo. Pensa que eu caí naquela. Conheço essa gente. Fiquei logo de pé atrás. Sabia que mais cedo ou mais tarde ele ia querer tirar onda pra cima de mim. Mas agora ele vai ter meu nome nos jornais. Quando eu vender minha fotografia vai sair em tudo que é lugar e ele vai saber quem sou eu. Aquela menina de aqui outra vez. Ela voltou, eu sabia. De manhã quando ela apareceu aqui eu vi que ela estava me olhando. Pura, cara de bandida, rapaz. E está me olhando. Quando eu vender então imagina como ela vai me olhar. Aí eu vou falar com ela. Vou até levar ela pra passear lá na casa. Quero ir a casa do Pedrinho. Vai ficar igual a um babalhão do meio da rua. Amigão... pensa que eu caí naquela.

NARRADOR - Mas no dia que vocês se conheceram você não conseguiu deixar de felicidade. A noite inteira fazendo planos pra dia seguinte. Toda hora levantava pra ver se o dia já estava nascendo.

CICLISTA - Não é verdade. Eu dormi. Um pouco mas eu dormi. Só estava curioso pra saber como era a casa dele. Pra ele eu não estava ligando.

NARRADOR - Você disse pra tua mãe que ele era o primeiro amigo que você tinha.

CICLISTA - Eu disse. Mas não era o que eu sentia.

NARRADOR - Você nunca ficou tão feliz como naquelas férias, até que ele esqueceu. Ele era teu amigo. O primeiro amigo que você tinha. Você vivia imaginando uma maneira de provar seu amor pra ele.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-02

CICLISTA - Mas não contei. Ele não ia entender. Porque ele era um filho da puta.

NARRADOR - Mas você pensava que ela era teu amigo. Teu único amigo.

CICLISTA - Pensava mas não era. Eu queria que ele tivesse sido meu amigo mas não foi. Ele era um safado. Mas agora ele vai se arrepender. Eu vou vencer e meu nome vai aparecer nos jornais e ele então vai saber. Ele não era meu amigo. Nunca foi. A gente tinha combinado de fazer piquenique na cachoeira. Eu sei o endereço de casa. A mãe fez uma porção de coisa pra gente comer. Ainda disse pra eu dar os melhores pra ele. Também a culpa era dela. Era ela que ficava puxando o saco dele. So faltava ela dar pra ele. Quando cheguei na casa dele ele estava sentado no portão, com a espingarda de ar comprimido, tipo comprimido.

ZUCA - Acertou?

PEDRINHO - O danado pulou bem na hora que eu atirei.

ZUCA - Que que era?

PEDRINHO - Pardal.

ZUCA - Você já está pronto? Vamos senão o sol esquenta.

PEDRINHO - Estou separando uns amigos que chegaram ontem. Estão num lugar aqui perto.

ZUCA - Vieram do Rio? ( PEDRINHO ATIRA COM A ESPINGARDA )

PEDRINHO - Dessa vez quase que eu peguei, viu?

ZUCA - Passou raspando. Deixa eu dar um.

PEDRINHO - Não.

ZUCA - Só um.

PEDRINHO - Não. Acertei, pega lá. Em cheio, hem.

ZUCA - Coitado, ainda era filhote.

ZUCA - Eles vão com a gente?

PEDRINHO - Quem?

ZUCA - Seus amigos.

PEDRINHO - Eu vou com eles. Eles vão passar aqui de jipe pra me pegar.

ZUCA - A gente não ia a pé?

PEDRINHO - Ia, mas eu vou de jipe.

ZUCA - E eu?

PEDRINHO - Não tem lugar pra você. O pai deles que vai levar a gente. O jipe já vem cheio. (OUVE-SE O RUÍDO DO JIPE) Olha eles aí. (ZUCA ACOMPANHA A SAÍDA DE PEDRINHO COM O ULHAR. DEPOIS GUARDA O PASSARINHO MORTO)

- NARRADOR - Mentira, não foi nesse dia que você descobriu que ele não era teu amigo. Nessa vez você perdoou, você mesmo inventou as desculpas pra ele. Ele ainda era teu amigo, o teu único amigo.
- CICLISTA - Eu era um bobo, uma criança. Depois que eu fiquei esperto vi que ele era um sacana, mas eu ele nunca enganou.
- NARRADOR - Era o teu amigo. Até quando você estava sozinho você imaginava conversas com ele. Achava que ele ia te convidar pra passar um mês na casa dele no Rio. Você achava que ele gostava muito de você, que te achava bacana, diferente da gurizada da tua terra.
- CICLISTA - Mentira, depois daquela dia eu não liguei mais pra ele. Ele ainda me procurou mas eu não dei bola. No fim das férias ele foi embora, nunca mais falei com ele.
- NARRADOR - Você é igual a eles, não tem coragem de se lembrar como era bobo. Você gostava do Pedrinho, era o amigo que você sempre sonhou. Você pensava que ele era diferente, que não era igual aos outros.
- CICLISTA - Eu pensava mas ele não era. Era igual aos outros, só tinha dinheiro.
- NARRADOR - Já fazia mais de quinze dias que ele não te procurava. Naquela tarde a motocicleta parou na porta. Teu coração até pulou de alegria. Ele te chamou pra ir dar uma volta. Ele estava diferente, tinha um jeito estranho de falar, mas você não ligou. Você estava feliz. Ele foi pro alto da colina. Vocês saltaram e ficaram olhando a cidade lá embaixo.
- PEDRINHO - Você já viu alguma mulher nua?
- ZOCA - Já. Tem uma vizinha lá em casa que eu vejo ela tomar banho.
- PEDRINHO - Como?
- ZOCA - Suba no muro, aí dá pra ver o banheiro dela.
- PEDRINHO - E ela não te vê?
- ZOCA - Vê. Mas não liga. Um dia até me chamou pra ir lá.
- PEDRINHO - Você foi?
- ZOCA - Fui, né. Ela tem um bundão enorme. Deixou eu passar a mão em tudo.
- PEDRINHO - Mentira tua. Tudo que você fala é mentira. Toda aquela história do teu primo que tinha motocicleta, é tudo mentira. Você nunca foi no Rio. Eu perguntei pro teu pai e ele disse que é tudo mentira.
- ZOCA - Você não perguntou nada ao meu pai. Senão ele tinha me falado.
- PEDRINHO - Todo mundo diz que você é mentiroso.

CICLISTA - Mas não contei. Ele não ia entender. Porque ele era um filho da puta.

NARRADOR - Mas você pensava que ele era teu amigo. Teu único amigo.

CICLISTA - Pensava mas não era. Eu queria que ele tivesse sido meu amigo mas não foi. Ele era um safado. Mas agora ele vai se arrepender. Eu vou vencer e meu nome vai aparecer nos jornais e ele então vai saber. Ele não era meu amigo. Nunca foi. A gente tinha combinado de fazer piquenique na cachoeira. Eu só cozinho de casa. A mãe fez uma porção de coisa pra gente comer. Ainda disse pra eu dar os melhores pra ele. Também a culpa era dela. Era ela que ficava punhando o saco dele. So faltava ela dar pra ele. Quando cheguei na casa dele ele estava sentado no portão, com a espingarda de ar comprimido, logo, comprimido.

ZUCA - Acertou?

PEDRINHO - O danado pulou bem na hora que eu atirei.

ZUCA - Que que deu?

PEDRINHO - Pardal.

ZUCA - Você já está pronto? Vamos senão o sol esquenta.

PEDRINHO - Estou esperando uns amigos que chegaram ontem. Estão num lugar aqui perto.

ZUCA - Vieram do Rio? ( PEDRINHO ATIRA COM A ESPINGARDA )

PEDRINHO - Dessa vez quase que eu peguei, viu?

ZUCA - Passou raspando. Deixe eu dar um.

PEDRINHO - Não.

ZUCA - Só um.

PEDRINHO - Não. Acertei, pega lá. Em cheio, hem.

ZUCA - Coitado, ainda era filhote.

ZUCA - Elas vão com a gente?

PEDRINHO - Quem?

ZUCA - Seus amigos.

PEDRINHO - Eu vou com eles. Eles vão passar aqui de jipe pra me pegar.

ZUCA - A gente não ia a pé?

PEDRINHO - Ia, mas eu vou de jipe.

ZUCA - E eu?

PEDRINHO - Não tem lugar pra você. O pai deles que vai levar a gente. O jipe já vem cheio. (OUVE-SE O RUÍDO DO JIPE ) Olha eles aí. ( ZUCA ACOMPANHA A SAÍDA DE PEDRINHO COM O ULHAR. DEPOIS GUARDA O PASSARINHO MORTO )

ZUCA - Quem que diz?

PEDRINHO - O filha do Seu Mané disse que você é veado. Que um dia ele te deu uma rolina e você day pra ele.

PEDRINHO - Toda mundo diz que você é veado.

ZUCA - É mentira, você está inventando.

PEDRINHO - Se você me der a bunda eu te dou uma bicicleta que tenho lá em casa.

ZUCA - Eu não sou veado.

PEDRINHO - Você não quer uma bicicleta? Você nunca vai ter uma. Seu pai não tem dinheiro pra te dar.

ZUCA - Porque você está fazendo isso, você é meu amigo.

PEDRINHO - Se você é meu amigo então me dá.

ZUCA - Se você continuar falando assim vai levar uma porrada.

PEDRINHO - Por que você não quer me dar? Você é veado.

ZUCA - Pára com isso.

PEDRINHO - Se você não me dar eu vou falar com meu pai pro mandar o teu pai embora. Ai você vai ver.

ZUCA - Pára com isso, eu já avisei.

PEDRINHO - Você vai ver. Eu vou falar com meu pai e amanhã ele vai mandar teu pai embora. Você fvaí levar a maior surra. Vou inventar uma história danada.

CICLISTA - Aquela bebado miserável nem me perguntou o que que aconteceu. Eu tinha dado banho no Rex, estava dentro de casa enxugando ele.

SEBASTIÃO - Zeca, Zeca. Onde é que está esse desgraçado? Ah, você está aí, não é, praga.

JULIA - Que que é isso, meu Deus? Que que foi?

SEBASTIÃO - Foi despedido por causa desse desgraçado. Que que você andou fazendo, praga?

CICLISTA - Cavando. E a mãe ainda ficava com aquele filho da puta. Não sei porque não largava ele. Deixava ele morrer bebado na rua igual um cão danado. Mas ela ficava. Acho que tinha pena dele. Ter pena dum miserável daquelas.

NARRADOR - A noite volta a cair. Ele já completou suas primeiras vinte e quatro horas de bicicleta. Continua fazendo seus círculos, intermináveis círculos em busca da glória.

CICLISTA - Já não tem mais ninguém olhando. Deve ser tarde. Bom. Quanto mais tempo passar, melhor. Mais perto eu estou da vitória. Nem vi quando a Menina de Azul foi embora. Mas amanhã ela volta, isso não tem nem dúvida. Pelo jeito que ele me olhou sou capaz de apostar qualquer coisa. Quero ver a cara deles quando eu aparecer lá de braços dados com ela. Vai ficar tudo de queixo caído. Até seu João filho da puta vai vir na porta da loja olhar.

CORTE

MENINA DE AZUL - Está muito cansado, querido?

ZOCA - Muito cansado, meu bem. É o pescoço que dói mais.

MENINA DE AZUL - Então deixa eu fazer uma massagem nele. Está melhorando?

ZOCA - Está, estou quase dormindo.

MENINA DE AZUL - Então dorme. Agora você já pode dormir. Eu estou aqui com você. Dorme, dorme.

O CICLISTA PARA DE PEDALAR. A BICICLETA SE DESEQUILIBRA E CAI. ENTRA JOSÉ CORRENDO E O AJUDA A SE RECOMPOR.

JOSÉ - Que que foi?

CICLISTA - Depressa, senão passa um minuto. Vê o pedal se está bom, se não soltou a correia.

JOSÉ - Não, está tudo em ordem. Você dormiu?

CICLISTA - Acho que pestanejei um pouco.

JOSÉ - Precisa tomar cuidado. De noite assim é fogo.

CICLISTA - Pode deixar que agora eu aguento. Me arranja um pouco de laranjada. Estou com a boca seca. Ah, isso é bom. Ajuda a reanimar.

JOSÉ - Quer que eu jogue um pouco de água na sua cabeça?

CICLISTA - Não precisa. Já estou em forma outra vez. Pode ir.

JOSÉ - Aguenta firme. Nos primeiros dois dias são os piores. Depois o corpo aguenta e aí vai até o fim.

CICLISTA - Pode deixar. Daqui eu só saio depois do oitavo dia. (JOSÉ SAI) Esse aí é outro que nunca vai fazer nada que preste, vai morrer plantado no chão igual bananeira. Só veio porque eu dei algum dinheiro a ele, fosse pra me ajudar, pra fazer alguma coisa de importante na vida, ele não vinha. Bela merda. Mas quando eu vencer vai fincar puxando o saco, querendo aparecer nas fotografias também. Parece que estas luzes estão piscando, por que será? Não, não estão piscando. É impressão minha. Não podem estar piscando. Sou eu que estou com sono. Ah, meu Deus, tenho que fazer alguma coisa. Essas horas é que são os piores. Está tudo muito quieto, não tem ninguém na rua. Isso que dá sono. Mas parece que esta praça está mesmo piscando. Besteira rapaz. Isso é sono. Preciso reagir. Daqui a pouco o dia vai chegar. Então vai ficar cheio de gente na rua, aquela barulheira, igual em festa de São Pedro. Que olhos grandes me olhando, rindo. Aquele risada de puta. Eu devia ter desconfiado logo. Mas não, caí igual um bobo. Pensei que ela era igual a mim, mas era uma puta descarada.

ZOCA - Isso sim, derrubei todas.

MATILDE - Muito bem, campeão.

ZOCA - Por que que você está rindo de mim? Eu não te conheço.

MATILDE - Mas eu te conheço.

ZOCA - É, e quem sou eu?

MATILDE - Você é o campeão do tiro alvo da festa de São Pedro.

ZOCA - Eu não gosto que riam de mim, não.

MATILDE - Você ficou zangado comigo?

ZOCA - Não, com você não. Mas não se deve rir dos outros.

MATILDE - Então eu não rio mais, tá?

ZOCA - Então tá. Você é de fora?

MATILDE - Eu? Quem dera. Moro aqui desde que nasci.

ZOCA - E como é que eu nunca te vi?

MATILDE - E tinha que ver? Tem tanta gente nesta terra.

ZOCA - É, mas a gente sempre se vê. Passa na rua e se vê.

MATILDE - Eu não, nunca saio de casa. Meu pai não deixa.

ZOCA - Então como é que saiu hoje? Pulou a janela?

MATILDE - Não, bobo. Ele foi viajar.

ZOCA - E tua mãe?

MATILDE - A mãe morreu faz tempo.

ZOCA - Hum, que pena.

MATILDE - A vida é assim mesmo. Pra morrer basta estar vivo.

ZOCA - Vamos dar uma volta de roda gigante?

MATILDE - Eu? Nem morta.

ZOCA - Você tem medo? Não tem perigo não.

MATILDE - Quer que eu morra. Aquilo salta lá de cima, Deus me livre.

ZOCA - Quer um saco de pipoca?

MATILDE - Agora não, quero sentar. Estou cansada.

ZOCA - Ali tem um banco, olha. Ainda não sei teu nome.

MATILDE - Matilde.

ZOCA - Matilde, nome bonito.

MATILDE - Cruz, não gosto desse nome.

ZOCA - Eu gosto.

MATILDE - Qual o seu?

ZOCA - Todo mundo me chama de Zoca.

MATILDE - Zoca? Que gozado. Que que você faz?

ZOCA - Por enquanto trabalho na sapataria do Seu João. Mas é só por uns tempos, sabe. Minha idéia é ir morar no Rio. Isso aqui não dá futuro não. Sabe o doutor Raimundo?

MATILDE - Quem não sabe?

ZOCA - Pois é, o filho dela, o Pedrinho é muito meu amigo. Então vive insistindo pra eu ir pra lá. De vez em quando eu vou lá passar uns tempos, sabe. Aquilo é que é terra. Não é esse vidinha daqui não.

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MATILDE - Você já foi ao Rio?

ZOCA - Muitas vezes. Conheço aquilo tudo lá. Eu tenho um primo lá que tem uma motocicleta. Ele sempre me empresta e eu ando aquilo lá tudinho.

MATILDE - Você já foi em Copacabana?

ZOCA - Fui. A casa que eu fico lá é bem de care pra praia. Você nem imagine. De manhã cedinho a praia fica cheia de pescador vendendo peixe. Vem gente de todo lugar comprar. Peixe fresquinho.

MATILDE - Você deve ter uma porção de namorada lá.

ZOCA - Que nada, as meninas lá não são como as daqui não. Aquilo você sai um dia e pronto. Eu vou, eu sou homem e homem faz dessas coisas mesmo. Agora pra casar, pra ter família aquelas meninas não prestam não.

MATILDE - E aqui você tem namorada?

ZOCA - Namorada não tenho. Tenho um assunto aí. Mas isso é coisa de homem. Não posso falar não.

MATILDE - Ah, conta pra mim, não falo pra ninguém não.

ZOCA - Não posso, é uma dona conhecida aí. Deixa pra lá. Isso dá uma confusão danada.

MATILDE - Ah, conta, Você não tem confiança em mim?

ZOCA - Não é caso de confiança. É que eu não posso. Jurei pra ele que não contava.

MATILDE - Dê só uma pieta.

ZOCA - Você conhece ela.

MATILDE - Eu conheço? Deixa eu pensar...

ZOCA - Todo mundo na cidade conhece.

MATILDE - Eu vou descobrir, você vai ver.

ZOCA - Isso que eu duvido .

MATILDE - Chim, meu Deus, que horas são?

ZOCA - São- dez horas.

MATILDE - Eu tenho que ir. Meu pai já deve estar chegando.

ZOCA - Quer que eu te leve em casa?

MATILDE - Melhor não, meu pai pode te ver.

ZOCA - Eu me escondo.

MATILDE - Então vem, depressa.

CICLISTA - O pai dela não tinha chegado. Fomos pro fundo do quintal. Ele deixou eu fazer tudinho. Botei aquele peitão de fora e caí de boca. Como era gostosa e desgraçada. Ai, não faz. Não sou desses, não. Sou moça direita. Pirenha, enfiei as mãos nas coxas dela e a danada só faltou pular. Slô não deixou eu botar dentro. O resto fiz tudinho. Quando ela gritou que o pai vinha chegando pulei o muro igual cachorro desgraçado pelo mato. Cheguei em casa com o coração pulando, nem dormi aquela noite. Estava meemp gemado. E todo mundo dizendo pra mim casar com ela, que ela era boa moça, que eu já tinha um emprego de futuro. Emprego de futuro. Trabalhar na loja do Seu João. Ve lá se eu ia me passar, ficar ali a vida inteira me agachando igual um merda. E a mãe se humilhando perto daquele filho de puta pra ele me arranjar emprego. Cachorro.

CÓPIA

JOÃO - Boa tarde, dona Julia. Vamos entrando.

JULIA - Boa tarde, seu João. Como tem passado?

JOÃO - Bem, graças a Deus.

JULIA - E dona Maninha?

JOÃO - Sempre com aqueles probleminhas, coitada. A saúde ali já foi embora. É um caso sério, dona Julia.

JULIA - Que se há de fazer, né?

JOÃO - Mas vamos sentar.

JULIA - Obrigado.

JOÃO - O que vai ser? Um sapatinho para a senhora ou para o rapaz? Recebi umas modelos muito confortáveis e baratinhos.

JULIA - Não precisa se incomodar, seu João. Nós estamos aqui por outros motivos.

JOÃO - Ah, sim, do que se trata?

JULIA - Eu soube que o senhor mandou aquele rapazinho que trabalhava aqui embora.

JOÃO - É verdade.

JULIA - Ah eu pensei que talvez o Zoca pudesse ficar em lugar dele. O senhor sabe, né? Nossa situação está muito difícil.

JOÃO - Estou inteirado. Seu marido, não é mesmo? Um caso muito triste. Sebastião me dá muita pena. Às vezes eu passo na rua e ele está caído num canto. É muito triste, dona Julia. Eu compreendo os seus problemas. A bebida é o pior dos vícios. Corrói todas as valores morais do homem.

JULIA - É isso, seu João. O senhor não pode imaginar a luta que tem sido a minha vida. Já fiz tudo pra ele parar de beber. Mas o vício é muito forte, seu João. Parece uma maldição, que Deus me perdoe.

JOÃO - Eu entendo. O vício é como um abismo. Quando se cai nele, não há mais salvação.

JULIA - Pois é, foi por isso que eu vim aqui pedir se o senhor pra colocar o rapaz. Ele não pode mais ficar assim, sem trabalhar, sem fazer nada o dia todo.

JOÃO - Ele não está estudando?

JULIA - A muito custo conseguiu terminar o ginásio. Mas não dá mesmo pros estudos. Deus sabe que eu fiz tudo que estava ao meu alcance. Mas não adianta. Quantas vezes esse menino perdeu o ano, meu Deus. Agora ele tem que trabalhar. Não pode mais ficar assim.

JOÃO - Dona Julia, a senhora me põe numa situação difícil. Mas o que que eu tenho não é nada contra senhora ou contra o rapaz, mas tenho de zelar pelo nome da loja. Esse problema de família são muito delicados. O filho acaba levando a fama do pai. Às vezes injustamente, eu sei. Mas o que que eu posso fazer? Também tenho os meus problemas.

JULIA - Mas ele não é como o pai, seu João. O senhor pode ficar cato disso. Esse menino nunca pôs uma gota de álcool na boca. Isso eu posso garantir.

JOÃO - A senhora sabe, eu tenho algumas leituras. Não sou homem letrado, mas tenho minhas leituras. É esses problemas, na maioria dos casos, são hereditários. Uma coisa triste, mas científica.

- JULIA - Não vai acontecer isso, seu João. Sou eu quem diz. Zoca é completamente diferente do pai. É obediente, sério, o senhor vai ver. Dá essa oportunidade a ele, seu João. Eu sei que o senhor é uma boa alma.
- JOÃO - Vou ser muito sincero com a senhora. Não fosse a senhora estar me pedindo pessoalmente, eu não tinha dúvida. Nem pensava no assunto. Porque Dona Julia, a senhora pode estar certa. Empregado nenhum vale nada. Eu já estava resolvido a não ter mais empregado. A senhora imagine que o rapaz estava aqui, com aquela carinha de inocente, e me roubou descaradamente. Afinal, aquela carinha e como é que nós vamos parar? Me roubou três sapatos. E não era coisa vagabunda não. Calçados de fino acabamento. Então a senhora já vê que eu tenho razão pra estar com a pulga atrás da orelha. Não se pode mais confiar em ninguém.
- JULIA - Mas Zoca nunca ia fazer uma coisa dessas. Seu João. Pela alma de minha mãe. Um filho meu seria incapaz duma coisa dessas.
- JOÃO - Não me leva a mal, dona Julia. Pelo amor de Deus. Não dizendo que seu filho seja capaz disso. Longe de mim. Sua situação me causa muito pesar, a senhora não merece isso. Uma fina mulher, educada, bonita, não é pra levar uma vida dessas.
- JULIA - Todos nós temos a nossa cruz, seu João.
- JOÃO - É verdade, não nego. Mas a sua tem sido pesada demais. Rapazinho, vai até lá fora que eu quero conversar com sua mãe.
- JULIA - Vai, meu filho.
- JOÃO - Assim podemos falar mais à vontade. Como eu dizia, dona Julia, sua cruz tem sido pesada demais. Às vezes até de noite, em casa, eu fico pensando. A Julia precisava de uma pessoa que fosse um empero pra ela, que desse a ela aquilo que o ébrio - desculpe a expressão, mas a palavra é essa mesmo - o ébrio não está em condições de dar. E agora que a senhora veio aqui eu quero que a senhora fique certa que tem em mim um amigo. Quando precisar, venha me procurar. Venha assim no fim da tarde, quando já não tiver ninguém aqui. E desabafe seu coração. Eu quero ajudar a senhora. Mesmo algum problema material que seja. A senhora sabe, eu tenho uma situação de vida segura, posso fazer isso.
- JULIA - Eu agradeço muito, seu João. Mas se o senhor empregasse o rapaz, isso já seria o bastante para mim.
- JOÃO - Não precisa se acanhar. Falo na melhor das intenções. Pode recorrer a mim, isso ficará só entre nós.
- JULIA - Eu agradeço, seu João. Mas o que é que o senhor me diz do rapaz?
- JOÃO - Como é a senhora que me pede, eu vou dar uma oportunidade a ele. Vou fazer uma experiência.
- JULIA - Tenho certeza que o senhor não vai se decepcionar, seu João. O senhor não abe o peso que o senhor me tirou do coração.
- JOÃO - Eu posso imaginar. Agora, assim como eu depositei toda a confiança na senhora, espero que a senhora também tenha confiança em mim. Venha aqui num fim de tarde dessas. Assim lá pelas sete horas. Basta passar aqui cedo e avisar que eu espero. Tenho certeza que isso vai fazer muito bem pra senhora. Sou um homem de

JUÃO - experiência. Posso dar muitos conselhos.

JULIA - U rapaz pode começar quando, seu João?

JOÃO - Amanhã mesmo. Se tem que ser, que seja logo.

JULIA - t o ordenado, seu João?

JUÃO - isso depois nós vemos. Quando a senhora vier aqui nós discuti-  
mos isso com calma. U, rapaz. Quero voce amanhã às sete horas,  
ouviu? Não vé chegar atrasado logo no primeiro dia, nem vestido,  
limpo e de sapato engraxado. A boa aparencia aqui é muito im-  
portante.

CICLISIA - Limpo...Lomo se eu não tomasse banho. Que que ele pensa  
que é? Só porque tem uma merda duma sapataria daquelas. grande  
merda. Achava que era muito importante. Que podia cagar na  
minha cabeça, mas ele me paga. Depois que eu vencer, quando  
ele vier falar comigo, ele vai ver. ele vai ver quem que é  
merda. t a mãe fazer um papel daqueles. Nunca pensei tu por  
mim não tinha ido, chegava lá no outro dia, agarrava ele pela  
camisa e dizia, cuspiendo na cara dele: escuta aqui, seu filho  
da puta, que que voce pensa que é minha mãe? Ela não é filha  
da ppta não. sacudia ele e jogava em cima daquela merda daque-  
les sapatos. Por mim tinha acabado com a história aquele dia  
mesmo. mas o bebado, como é que pode ser tão burro? Será que  
ele não via? Também sempre bebado, como é que podia ver alguma  
coisa? tu é que não ia dázer. Lomo é que ia dizer? Eu tinha é  
que ter aberto logo o jogo com a mãe. Acabado com aquela histó-  
ria duma vez. Mas eu não podia, não podia.

JULIA - Zoca, zoca, o jantar está na mesa. Onde é que voce se meteu?  
Olha o jantar, zoca. Que que voce está fazendo que não responde?  
Vou atrás de ti. Vem que não esfria. Que que voce tem, está  
sentindo alguma coisa?

ZUCA - A senhora não devia ter feito aquilo.

JULIA - Aquilo o que?

ZUCA - Lá no seu João.

JULIA - Eu fui pedir emprego pra voce, meu filho. voce não pode ficar  
mais sem trabalho.

ZUCA - Não estou falando eu, é a senhora.

JULIA - Eu o que?

ZUCA - Se ele não queria dar, não dava, pronto. Arranjava outro.

JULIA - Aonde, meu filho? Só se fosse na fábrica.

ZUCA - tra melhor.

JULIA - Voce pensa que é fácil arranjar emprego nessa cidade? Seu pai  
está desempregado há dois meses.

ZUCA - tu sei, mas não tinha que fazer aquilo. Que mal não vai pensar  
da senhora?

JULIA - Seu João é um homem bom, ele sabe da nossa situação.

ZUCA - Bom, um safado, isso é que ele é.

JULIA - voce não deve falar assim, agora é seu patrão. voce tem que  
respeitar.

SÉBASTIÃO - Cala a boca. Você vai trabalhar e pronto. Seu pai está desempregado. Chegou a hora de você fazer alguma coisa por ele. Já fiz muito sacrifício por você. Sua mãe está aí de prova. Ela também já sofreu muito por sua causa.

JULIA - Você não vai me dar esse desgosto, não é, meu filho?

CICLISTA - Tive que ir. Que eu ia fazer? Também que se dane. Agora eu saí de lá, nunca mais vou voltar. Eu sempre soube que um dia ia ter minha oportunidade na vida. Nisso a mãe tinha razão. A pessoa só tem uma oportunidade na vida. Se não aproveita está ferrado. Só que ela pensava que a minha oportunidade era a loja de Seu João. Aquele dia que seu João me mandou aqui entregar aqueles papéis eu nem podia imaginar o que ia acontecer. Quando vi o tal do Pereira na bicicleta nem liquei. Onde já se viu ficar sete dias andando numa bicicleta. Mas depois quando via a fotografia dele no jornal aquilo não me saiu mais da cabeça. Se ele tinha ficado sete dias por que que eu não podia ficar oito? Ficava pensando nisso o dia inteiro e seu João filho da puta chamava a atenção. Que que você está olhando pra ontem? Não estou olhando pra ontem não, velho escroto. Estou olhando pra amanhã. Se ele soubesse o que eu ia fazer ficava puto. Eu já estou partindo pras quarenta e proito horas. Depois vou vencer nem sei o que vou fazer. Sou capaz de ir pro estrangeiro. Aí sim quero ver a cara deles.

NARRADOR - A noite é longa. Parece até que o dia se esqueceu de nascer. As estrelas continuam brilhando no céu, piscando. As luzes na praça estão piscando.

CICLISTA - Não. Não estão piscando. É só impressão minha. Preciso reagir, daqui a pouco o dia vai nascer e fica tudo mais fácil. É só aguentar mais um pouco.

NARRADOR - O pior é ficar fazendo esses círculos, estes intermináveis círculos que nunca acabam. E essas luzes que piscam, piscam, cada vez mais depressa.

CICLISTA - Não, não estão piscando. Ah, meu Deus, preciso fazer alguma coisa. Tenho que espantar o sono.

CICLISTA - É só mais um pouco e o dia vai nascer. Tenho resistência. Passei três meses treinando. Todo dia de manhã cedinho pegava a bicicleta do Mané e ia treinar. Subia todos aqueles morros. As vezes ainda levava peso nas costas.

NARRADOR - Tuas pernas parecem que estão cheias de chumbo. Tuu pucoço dói, como se tivesse um punhal enterrado nele. E tuos olhos estão ardendo.

CICLISTA - É um momento ruim. Logo passa. Eu preciso é pensar em coisas boas. Nas que coisas boas já me aconteceram? Matilde. Não, Matilde era uma puta. E eu pensando que ela era igual a mim. Quem diria, uma puta descarada.

ZOCA - Você gosta de mim?

MATILDE - Gosto.

ZOCA - Quanto?

ZOCA ,digo, MATILDE - Sei lá.

ZOCA - Muito ou pouco?

MATILDE - Nem muito nem pouco.

ZOCA - Já teve alguém que você gostou mais do que eu?

MATILDE - Teve.

CORIE

CORIE

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ZOCA - Já teve alguém que você gostou mais que eu?

MATILDE - Teve.

ZOCA - Quem? Fala que eu mato ele.

MATILDE - Meu pai, bobo.

ZOCA - Ah, ele não vale. Você quer casar comigo?

MATILDE - Não sei.

ZOCA - Por que não sabe? Você não gosta de mim?

MATILDE - Gosto, mas não sei.

ZOCA - Por que não sabe?

MATILDE - Não sei se meu pai deixa.

ZOCA - Também vive com o teu pai na boca. Teu pai não interessa. Quero saber covê.

MATILDE - Vou pensar. Quando passar uma cigana vou mandar ela ler o seu futuro. Aí te digo.

ZOCA - Você está debochando. Já até imagino. A gente casando. Você toda de branco. Eu de terno azul. Aí, assim que acabar, a gente vai embora dessa terra.

MATILDE - Ir embora por que??

ZOCA - Não quero ficar aqui, nessa terra desgraçada. Com a gente vai ser tudo diferente. Nossa vida não vai ser igual a dessa corja não. Já pensei tudinho. A gente casa e vai pro Rio. Nunca mais volta aqui.

MATILDE - E meu pai?

ZOCA - Ele vai lá visitar a gente. Lá eu arranjo um emprego. Num instante subo na vida e compro tudo que a gente precisa, até carro. Já imaginou nós de carro?

MATILDE - E como é que você via, dig, vai ganhar tanto dinheiro?

ZOCA - Lá eu ganho. Aqui ninguém tem futuro. Mas lá é diferente. As pessoas são diferentes, entende? Não são iguais as daqui não.

MATILDE - Por que que você tem tanta raiva das pessoas daqui?

ZOCA - Eles nunca vão fazer nada que preste. Só querem passar a vida um falando mal do outro. Eu não quero ser assim. Eu não sou assim. Você também não.

MATILDE - Como é que eu sou?

ZOCA - Não é igual a eles. Nossa vida não vai ter nada a ver com a vida deles.

MATILDE - Como é que você vai me tratar?

ZOCA - Eu vou te tratar bem. Não vou ser igual esses caras daqui não, que casam e toda dia vão pra zona. Tratam a mulher igual bicho. Eu vou te amar, entende? Vai ser só você.

MATILDE - Você está falando igual ao cara da novela.

ZOCA - Não brinca, estou falando sério. Você pensa que eu falo isso pra te enganar, mas eu vou te provar que é verdade.

MATILDE - Vai fazer uma prova de amor? Então se joga lá na pedreira.

ZOCA - Por que que você sempre tem que debochar de tudo? Não gosto disso.

MATILDE - Bobagem, Zoca. Então não conheço homem? É tudo igual.

ZOCA - Eu não sou igual. Você não pode dizer que eu sou igual os outros. Se fosse já tinha querido me aproveitar de você. Nunca fiz isso, já fiz?

ZOCA - Então, como é que você pode dizer que eu sou igual os outros?

MATILDE - Ah, pronto, não digo mais.

CICLISTA - O dia tá nascendo. Deixa ele nascer, deixa ele vir pra me ajudar a vencer, deixa a noite acabar. Agora eu não tenho mais medo de nada. Quem passa duas noites passa oitenta. Pra derrubar esse aqui não é qualquer noitezinha de merda não. Nem preciso me preocupar mais. (CANTANDO) Daqui pra frente, tudo vai ser diferente." Não demora isso aqui está cheio de gente outra vez, os carros passando, aquela barulheira toda. Isso mantém a gente distraído. A Menina de Azul é capaz de vir logo cedo me olhar com aqueles olhos bonitos. Aquilo que é mulher. Se bobear, hoje vou dar uma palavrinha com ela. Perguntar o nome, coisa e tal. Assim já vou conhecendo ela, é melhor. Quando eu vencer, selto da bicicleta e vou direto falar com ela. Não, não vai dar. Na certa as pessoas vão querer me abraçar, pedir autógrafo. Os jornalistas tudo me rodeando.

JORNALISTA - Como é que o senhor se sente após essa extraordinária prova de resistência?

ZOCA - Um pouco cansado, né? Foi uma prova duríssima, mas graças a Deus eu consegui.

JORNALISTA - Agora que o senhor é um homem famoso, o que pretende fazer?

ZOCA - Pretendo continuar me esforçando pra bater o meu próprio recorde e ir lá pro estrangeiro mostrar aquelas gringos que o brasileiro é que é o bom.

JORNALISTA - Dizem que na sua cidade ninguém fazia fé no senhor. É verdade?

ZOCA - De fato eu contei com muita incompreensão. Mas acho que aquelas que riram de mim, se tiverem vergonha na cara, nunca mais abrem a boca.

JORNALISTA - Mas, ô Zoca, comenta-se aqui na cidade que você já tem um amor local e que se trata de uma moça da nossa melhor sociedade. Posso confirmar o boato pros nossos ouvintes?

ZOCA - Isso ainda não posso dizer nada. Mas é como dizem né. Todo boato tem seu fundo de verdade. Agora deixa eu ir, por favor.

JORNALISTA - E assim, senhores ouvintes, tivemos em primeira mão, a voz do novo herói do nosso querido país.

A MENINA DE AZUL SURGE NO FUNDO.

MENINA DE AZUL - Já estava ficando com ciúme desses jornalistas.

ZOCA - Você vai ter que se acostumar. Eles agora vão viver atrás de mim.

MENINA DE AZUL - Não faz mal, se eu puder ficar do teu lado nem me importo.

CICLISTA - Ah ela vai querer me apresentar a família. A gente pega um táxi e vai. Por onde vai passando todo mundo me reconhece. Ah a gente chega e a Meninha de Azul me apresenta. Está todo mundo me esperando.

MENINA DE AZUL - Esse aqui é meu pai.

GUIMARÃES - Doutor Guimarães, muito prazer. O senhor não imagina como eu me sinto honrado em recebê-lo na minha casa.

ZOCA - O prazer é todo meu, doutor Guimarães.

MENINA DE AZUL - Esse é meu tio.

LOBATO - General Lobato. É com grande prazer que eu cumprimento o herói, mais um orgulho de nossa pátria.

ZOCA - Obrigado, General.

MENINA DE AZUL - Meu irmão.

AUGUSTINHO - Embaixador Augustinho. Satisfação.

ZOCA - Você já é embaixador? Tão novo assim?

AUGUSTINHO - Olha quem fala. E você já é campeão tão novo assim?

MENINA DE AZUL - Vamos sentar.

GUIMARÃES - Me diga uma coisa rapaz. Eu não consigo imaginar como alguém possa ficar oito dias sem dormir, é um esforço sobre humano.

ZOCA - Foi preciso muita força de vontade, sabe doutor. Tive horas que eu quase fraquejei, confesso pro senhor. Mas minha vontade foi mais forte. Então hoje eu posso dizer: o homem pode conseguir tudo que quiser. Precisa ter é decisão.

LOBATO - Assim é que se fala. São homens como você que vão fazer a grandeza dessa terra.

ZOCA - Se Deus quiser. No começo foi duro, sabe. Ninguém acreditava em mim. Chegavam a rir na minha cara. Agora eu venci. Mas essa mágica ninguém me tira não.

AUGUSTINHO - Eu compreendo. Os grandes homens sempre sofreram incompreensões, humilhações. Mas no fim todos têm que reconhecer seu valor.

LOBATO - Quando vai ser o casório?

MENINA DE AZUL - Por mim podia ser até hoje.

AUGUSTINHO - Você tem sorte, Zoca. Ela vai ser uma esposa maravilhosa.

MENINA DE AZUL - Sorte tenho eu.

LOBATO - São ambos consortes, pronto.

GUIMARÃES - Pois então está resolvido, vocês se casam e vão para o Rio. Um homem como você não pode ficar se perdendo neste fim de mundo.

AUGUSTINHO - Não pode ficar se perdendo num país como este. Quando

CORTE

AUGUSTINHO - eu voltar pra América do Norte, vocês vêm comigo. Lá sim, vão reconhecer o verdadeiro valor que você tem, Zezé.

LOREATO - E de mim, você já sabe. Tudo que eu puder fazer por você é só falar. E olha que não é pouco o que um general pode fazer hoje em dia, hem. C O R T E

CICLISTA - Quero ver a cara delas quando souberem que eu estou na América do Norte. Olha o sol chegando. Vai ser um dia bonito. Bem de acordo com tudo. Parece até que Deus está vendo como eu estou alegre e manda um dia bonito pra me alegrar ainda mais, pra me dar força. Cade o Ze? Esse estúpido some toda hora. Pessoa fprecisar dele de repente e aí? Essa gente é assim mesmo. Depois que pega o dinheiro não quer nem saber. Olha ele lá. Ze, vem cá.

JOSÉ - Como é que está?

CICLISTA - Estou firme. A noite é que foi uma luta, mas agora de dia não tem problema não.

JOSÉ - Olha lá, hem. O sol hoje não vai ser mole não. Está esquentando pra diabo. Parece até verão.

CICLISTA - De sol não tenho medo não. Pior é a noite. Dá sono. De dia a gente sua mas aguenta bem.

JOSÉ - Sei não, hem.

CICLISTA - He arranja leite que eu estou com uma sede danada. Que sol, que nada. Que que essa besta entende disso? Nunca fez nada que preste.

JOSÉ - Sabe quem passou aqui?

CICLISTA - Quem?

JOSÉ - O Chucha.

CICLISTA - Que Chucha?

JOSÉ - Aquilo lá da terra. Um daixinho. Veio aqui fazer umas entregas. Disse que lá na terra todo mundo está apostando que você não passa de hoje. Disse que Seu João paga cinco cagradados de cerveja pra todo mundo que aparecer se você amanhã ainda estiver de pé.

CICLISTA - Aquilo pagar cinco engradados de cerveja? Nem que eu ficar aqui um mês ele não paga nem um trago.

JOSÉ - Estão dizendo também que você ficou maluco, que a polícia daqui devia te botar no hospício.

CICLISTA - Quando eu vencer quero ver o que eles vão dizer.  
Cinco engradados de cerveja. Ele não perde por esperar. Um dia me descontou até o dinheiro do ônibus, sa-  
fado.

ZOCA - Bom dia, Seu João.

JOÃO - Bom dia. Atrasado outra vez.

ZOCA - É que eu tive que passar na casa da minha tia. E aí...

JOÃO - Todo dia tem uma desculpa. Mas no fim do Mês quer o orde-  
nado inteiro. É por causa de gente da tua laia que esse  
pais não vai pra frente. CORTE

ZOCA - Esse mês só cheguei um dia atrasado. Mesmo assim foi só  
dez minutos.

JOÃO - Só uma vez, coitadinha. Dez minutinhos só. Eu pago para  
você estar aqui todo dia às sete e meia. Não me faz favor  
nenhum chegando na hora. Não fosse por sua mãe que me pede  
tanto, eu te punha na rua hoje mesmo. Tem muita gente por  
aí melhor que você desempregada.

JOÃO - Seu Alfredo, quanta honra. A essa hora da manhã.

ALFREDO - Bom dia, seu João. Esse não é o sapato que eu comprei.  
O senhor faça o favor de trocar.

JOÃO - Não foi esse? Então deve ter havido algum engano.

ALFREDO - Por causa disso não pude viajar hoje cedo. Me atrasou  
o dia todo.

JOÃO - O senhor está com toda razão. Não foi esse o sapato que eu  
vendi pro senhor ontem. Vem cá, rapaz. Foi esse o sapato que  
eu te mandei embrulhar e levar na casa de Seu Alfredo? Olhe  
bela, seu estúpido.

ZOCA - Pensei que era esse.

JOÃO - Você pensou. O senhor vai me desculpar. Está com toda a ra-  
zão. Peço mil desculpas. Mas o senhor mesmo está vendo que  
espécie de animal eu tenho por empregado. Logo se cair de  
quatro. Seu Alfredo, não levanta mais. Eu não sei por que  
castigo de Deus essa besta veio se atravessar no meu desti-  
no.

ALFREDO - Pelo que se diz por aí, até que o castigo não é dos pio-  
ras, hem seu João.

JOÃO - Conversem fiada. Não se pode levar a sério o que esse povo  
diz. Pega o sapato que eu ontem te mandei embrulhar.

ZOCA - Não sei qual é.

JOÃO - Aquela marra de bico fino que Seu Alfredo experimentou on-  
tem. Como é que pode ser tão burro, meu Deus do céu? O se-  
nhor não me leve a mal, seu Alfredo. Foi um descuido, eu de-

JOÃO - via ter visto isso pessoalmente. Isso é o pai. Os filhos são sempre meio...

ALFREDO - Natural, eu compreendo.

JOÃO - Não é má pessoa não, mas é meio tapado. Não entende as coisas. Parece que vive no mundo da lua. Só não mando embora por pena.

ALFREDO - Ora, seu João. Não vai vir com essa conversa pra cima de mim, todo mundo na cidade está sabendo.

JOÃO - Conversa de quem não tem o que fazer.

ALFREDO - Até que ela ainda está em bom estado. Uma meia sola ali ainda vai muito bem, hem, seu João. Também com um marido daqueles. Ele enche a cara e o senhor enche a mulher.

JOÃO - Para caridade, seu Alfredo.

ZOCA - Está aqui, seu João.

JOÃO - É esse aqui, não é?

ALFREDO - Esse mesmo.

JOÃO - Deixe eu sabrular.

ALFREDO - Não precisa, eu levo assim mesmo. Ainda quero ver se pego o ônibus das nove horas.

JOÃO - Está vendo o que você arranjou? Onde é que você tem a cabeça, hem? Mas isso não fica assim não. Vou descontar o dinheiro que você gastou de ônibus do seu ordenado. Você tem que aprender a ter responsabilidade, cabeça de vento.

CICLISTA - Essa marda desse sol está começando a esquentar. Pelo visto o calor hoje vai ser dos diabos. Ontem estava tão fresquinho. Como é que foi esquentar desse jeito? Se agora já está assim, imagina mais tarde. Não vai ser mole não. De qualquer jeito é melhor que de noite, se bem que de noite é mais fresco. Em compensação o sono atezana a gente, vai amolecendo a gente sem a gente nem sentir. O praga, não tem uma desgraça duma nuvenzinha pra passar na frente. Ô, calor maldito, Não tem um ventinho, parece até o dia que o pai matou o rex.

SEBASTIÃO - Sai pra lá, larga, diacho. Me mordeu, mordeu minha perna, desgraçado.

JULIA - Que foi isso, meu Deus?

SEBASTIÃO - Esse cachorro maldito me mordeu, não está vendo? Tirou sangue.

JULIA - É precisava ter dado um tiro no bicho? Pobrezinho.

SEBASTIÃO - Traz o mercúrio cromo.

JULIA - A criança tinha tanta estima pelo animal. Que maldade, meu Deus.

SEBASTIÃO - Para de resmungar, mulher. Vai pegar o mercúrio cromo, que está doendo. Bicho escomungado, quase arrancou um pedaço.

JULIA - Está morto? Coitado do bichinho. Não chora não que eu vou arranjar outro.

SEBASTIÃO - Já está chorando outra vez? Tudo tem que chorar. Maricas, parece mulherzinha. Um cachorro vagabundo desses, fosse um ladrão ele não mordia.

JULIA - O cachorro era dele. Você não tinha nada que fazer isso.

SEBASTIÃO - A casa é minha. Faço o que quiser. E vai chorar lá dentro senão ainda vai apanhar por cima.

JULIA - Faz o que quiser, não senhor. Ainda tenho eu aqui pra botar um pouco de respeito nesta casa. Se você não tem mais respeito pra dar, eu graças a Deus ainda tenho. A educação que eu tive no berço você não me tira não.

SEBASTIÃO - Tivesse alguma coisa pra tirar. Que educação que tua família te deu? Sempre foram uns bunda moles.

JULIA - Na minha família pelo menos nunca teve nenhum bebado.

SEBASTIÃO - É melhor você parar de falar, bota a comida na mesa e cala a boca.

JULIA - Não caio não, quem você está pensando que eu sou? Chega em casa às duas horas da tarde. Bebado que nem um gambá e ainda quer comida. Teu prato está lá na cozinha. SE quiser apanha, eu não vou esquentar não.

SEBASTIÃO - Sua filha de puta. Está querendo não é, está querendo?

JULIA - É só pra isso que você tem força mesmo. Fosse pra trabalhar não aguentava.

SEBASTIÃO - Sua vagabunda, você para com isso. Já não aguento mais esta falação. Um dia desses eu te mato ou então me mato.

JULIA - Quem já não aguenta mais sou eu. Uma hora eu pego meu filho e vou embora. Não volto nunca mais.

SEBASTIÃO - Com a criança você não vai não. Tem que me matar primeiro.

JULIA - Quem sabe se um dia eu não mato? Ponho veneno na tua comida?

SEBASTIÃO - Você pensa que eu tenho medo? Me fazia até um favor. Acabar com esta vida desgraçada.

JULIA - Desgraçada por tua culpa mesmo. Quem perde a vergonha, perde tudo.

SEBASTIÃO - Você é que inferniza minha vida, desgraçada. Vou voltar pra rua, lá pelo menos ninguém me atazana.

CICLISTA - Porra, que calor, o sol está de matar. Não refresca, meu Deus. Dizem que muito sol deixa a gente até doente. Dá insolação. Já estou até achando que de noite é melhor mesmo. Pelo menos não fica abafado desse jeito. Vou tomar alguma coisa pra ver se melhora. Zô, traz alguma coisa pra eu beber. Não estou aguentando não.

JOSE - Pudera, quem está sentado na sombra tá que não pode, faço ideia você.

CÓDICE

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226.0142 - CEP 90020

CICLISTA - Nunca via calor assim não, rapaz.

JOSE - Igual hoje também poucas vezes vi. Isso é chuva que vem aí.

CICLISTA - Daus queiro. Se eu pudesse dar um mergulho na represa agora.

JOSE - Quer mais alguma coisa?

CICLISTA - Não.

JOSE - Então vou pra sombra que aqui não está mole. Aguenta firme que daqui a pouco vem chuva aí.

CICLISTA - Dá vontade até de mandar isso tudo a guarda e ir me embora. Não, que é isso? Se cheguei até aqui vou até o fim. Nem que tiver que morrer tostado. Não vou é der esse prazer a eles. Mas está quente pra diabo, lá isso está. Tem que ter muita vontade.

NARRADOR - Será que tua vontade é tão grande pra aguentar esse sol brilhado na tua cara, não deixando ver nada direito? Você pensa que pode de repente deixar de ser fraco? Não, você não mudou nada, você continua sendo fraco. Por isso não vai aguentar. Vai desistir daqui a pouco.

NARRADOR - Você quer desistir. No fundo você quer desistir. Você pode lutar contra tudo, mas não pode lutar contra tua própria vontade.

NARRADOR - Tua vontade é parar. Descer dessa maldita bicicleta, que já te pôs em carne viva. Pra que ficar se matando desse jeito? Pra que aguentar esse calor infernal? Essa dor no corpo todo? Você tinha um emprego. Tinha casa pra morar, você tinha tudo que precisava. Pra que querer ser diferente dos outros? Isso é muito difícil. É melhor desistir. Parar. Ir descansar na sombra. Depois voltar e pedir o emprego de volta ao Seu João.

CICLISTA - Não, prefiro morrer igual um porco e fazer isso. Levei três meses pra decidir. Mas agora vou até o fim. Não vou der esse prazer aquela filho da puta nunca.

JOÃO - Como é que é a história?

ZOCA - Vou fazer uma prova de resistência em bicicleta.

JOÃO - Prova de resistência? Você ficou maluco.

ZOCA - Fiquei não senhor. Há três meses que eu venho treinando. Vou ficar oito dias na bicicleta.

JOÃO - Oito dias? Sem dormir? Endoidou de vez. Não estou dizendo.

ZOCA - Não endoidei não senhor. Quería que o senhor acertasse as contas comigo, que eu não vou voltar masi não.

JOÃO - Acertar as contas? Você pensa que isso aqui? É só ir chegando e vamos acertar as contas? Você aqui não passa de um empregado, meu filho. Quem diz quando acertar as contas aqui ou eu.

ZOCA - Eu só estava querendo.

JOÃO - Você não tem que querer nada. Eu é que quero saber que prova de resistência é essa. Afinal de contas você é meu empregado. Se sair daqui amanhã e fizer uma besteira por aí vai comprometer o nome de minha firma.

CORTE

- ZOCA - Fora daqui eu não tenho nada a ver com o senhor.
- JOÃO - Olha como fala, hem, moleque. Te botei aqui só por causa da tua mãe. E se quiser te boto na cadeia. Que história é essa de prova de resistência?
- JOÃO - Isso é aqui na cidade?
- ZOCA - Não, senhor. É em outro lugar.
- JOÃO - Bem, se é em outro lugar é problema seu. Já não me afeta mais. Pode até assaltar um banco lá que não me interessa. Sua mãe sabe disso?
- ZOCA - Sabe, sim senhor.
- JOÃO - Que que ela acha?
- ZOCA - Acha que eu não devia ir.
- JOÃO - É que ela é muito boba. Devia dar graças a Deus por se ver livre de você. E se teu pai fosse também, então para ela era o céu. E o trabalho?
- ZOCA - Vou largar.
- JOÃO - Você nunca me enganou. Quem nasce pra vagabundo não tem conserto não. Vai ser igualzinho o pai.
- ZOCA - Eu só quero meu dinheiro pra ir embora.
- JOÃO - Muita calma, meu rapaz, muita calma. Em primeiro lugar, empregado meu não se demite. Sou eu que despeço. Quer dizer que você pode se considerar despedido.
- ZOCA - Dando meu dinheiro, não importa.
- JOÃO - Em segundo lugar, o dia do pagamento é segunda-feira que vem.
- ZOCA - Mas eu queria que o senhor me desse hoje.
- JOÃO - Pois vai ficar querendo. Quem decide quando deve pagar aos empregados sou eu. Ora, essa é muito boa.
- ZOCA - Mas é meu direito.
- JOÃO - Você aqui não tem direito nenhum. Já se esqueceu de que eu te pus aqui por caridade? Por que tua mãe bateu aqui implorando pra eu te empregar? A gente ainda quer ajudar a eles ainda vêm com duas pedras na mão.
- ZOCA - Só estou querendo o que é meu.
- JOÃO - Já disse que só segunda-feira. Que que está esperando? Pode ir embora.
- CICLISTA - Cachorro. Que calor, meu Deus. Assim ninguém aguenta. Tenho que fazer alguma coisa pra melhorar. Mas o que? Zé.
- JOSÉ - Chamou?
- CICLISTA - Vã se me arrenja uma sombrinha. Um guarda-chuva, qualquer coisa. Não estou aguentando mais. Pede emprestado por aí.
- JOSÉ - Vou ver se arranjo. Aguenta firme.
- CICLISTA - Se existe inferno deve ser igual a isso. Não há maior sofrimento que esse. Por que que a vida é tão desgraçada?

CICLISTA - Prum homem fazer o que quer tem que sofrer tudo isso? Melhor é não sonhar com nada. Viver e morrer naquela vidinha, sem nunca fazer nada que preste. Pelo menos não tem que sofrer desse jeito.

JOSÉ - Arranjei. O homem do bar emprestou. Mas não precisa se preocupar não. Já está cheio de nuvem daquele lado vindo pra cá.

CICLISTA - Pode ir. Pensei que a noite era pior mas não é. O sol é muito pior. Tira as forças da gente. Dá um desespero por dentro como eu nunca senti antes. Mas não é nada. Batendo água melhora logo. Olha ela aí, a chuva, estou salvo. Pega isso aí, Zé. (JOGA O GUARDA-CHUVA). Quero que a água se escorra pela cara até o rabo. Vem chuvinha, vem. Nunca quis tanto uma chuva. Vem com toda a força, que seja um dilúvio.

JOSÉ - Vou procurar um abirgo.

CICLISTA - Vai, que quero que ela bata na minha cara. E eu que já estava quase desistindo. É sempre assim, tem um momento em que a gente quase fraqueja. Mas se a gente vence ele aí ninguém segura mais a gente. A vida é assim, quem fraqueja, se dana e quem aguenta ganha. Vou mostrar que eu não sou um merda qualquer, que sou capaz até de ganhar muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo. Então vou comprar aquele buraco. Tudinho. As terras, as casas, tudo. Vou ser o homem mais rico da região. E vou ter um escritório só pra mim.

EMPREGADO - Tem uma pessoa querendo falar com o senhor.

ZOCA - Quem é? Agora estou lendo o jornal. Manda vir depois.

EMPREGADO - Ele diz que é muito urgente. Que o senhor conhece ele. É o seu João.

ZOCA - Seu João? Não conheço esse cara não. Quem é?

EMPREGADO - É aquele da sapataria.

ZOCA - Um, acho que me lembro. Que que ele quer?

EMPREGADO - Não quis dizer, está muito aflito. Pediu por favor pro senhor receber ele.

ZOCA - Vá lá, manda entrar.

JOÃO - Zoca, há quanto tempo. Que prazer em revê-lo. Você parece tão bem disposto, Zoca.

ZOCA - Zoca? Tem algum Zoca aqui? Doutor Zoca. E não me faz favor nenhum.

JOÃO - Desculpe, doutor. Não tive intenção de ofender o senhor. Eu só pensei...

ZOCA - Você não tem que pensar nada. Você aqui é um merda. Eu posso mandar te jogar na rua.

JOÃO - O doutor tem toda razão. Foi uma falta de respeito mesmo.

ZOCA - Que que você quer?

JOÃO - O doutor vai ter paciência comigo. Mas é que eu recebi essa ordem de despejo da sapataria. E eu soube que foi o doutor que comprou o prédio.

ZOCA - Fui eu mesmo, comprei a cidade toda. Mas esses assuntos é meu advogado que trata.

- JOÃO - O doutor vai me perdoar mais uma vez.
- ZOCA - O senhor ainda está aí? Já não disse pra falar com o advogado?
- JOÃO - Sim, senhor. Mas se o doutor me permite. Eu já falei com ele, ele disse que foi o senhor quem deu ordem pra me despejar.
- ZOCA - É verdade, já tinha até esquecido. Então o que o senhor tem que fazer é sair de lá.
- JOÃO - Mas doutor, quilo é o meu ganha pão.
- ZOCA - Não me interessa, preciso do prédio pra fazer uma garagem.
- JOÃO - O doutor então não podia me dar um tempinho pra arrumar outro lugar? Como é que eu vou dar de comer aos meus filhos?
- ZOCA - Problema seu. Está bem, como é pelos seus filhos, pode ficar lá. Não quero que andem dizendo por aí que eu sou um homem perverso.
- JOÃO - Muito obrigado, doutor. Eu sabia que o senhor era um homem bom.
- ZOCA - Não pensa que é por você não, é pelos seus filhos. Fosse por você eu mandava te por lá fora a porta pé.
- JOÃO - Sim senhor, doutor.
- ZOCA - Pode ir agora.
- JOÃO - Muito agradecido, doutor. Deus lhe pague, lhe dê tudo de bom.
- ZOCA - Espera aí.
- JOÃO - Pois não, doutor.
- ZOCA - Limpe o meu sapato.
- JOÃO - O senhor manda, doutor.
- ZOCA - E já sabe. Se eu ouvir alguma queixa de vo cii...
- JOÃO - Sim senhor, doutor.
- EMPREGADO - Há uma moça querendo ver o senhor.
- ZOCA - Será possível que essa gente não me deixa ler o jornal?
- EMPREGADO - Se o senhor quiser eu dispensei ela.
- ZOCA - Não, afinal de contas é uma mulher. Como é o nome dela?
- EMPREGADO - Matilde, senhor.
- ZOCA - Ah, sei quem é. Manda entrar.
- MATILDE - Oi, Zoca.
- ZOCA - Minha senhora, eu sou um homem ocupado. Faça o favor de dizer logo o que quer e ir embora.
- MATILDE - Eu vim para te ver, Zoca.
- ZOCA - Se era só isso, então já viu. Pode me deixar em paz.
- MATILDE - Será possível que você já esqueceu de mim, Zoca? Do nosso amor?

ZOCA - De que que a senhora está falando? Nosso amor? Joga o jornal pro lado )Então eu ia me rebaixar a amar uma vergsbunda como você? Você não se enxerga não, sua puta descarada?

MATILDE - Mas Zoca

ZOCA - Zoca, não. Doutor Zoca.

MATILDE - Não lembra que você me dizia que ia me levar embora daqui? Que a gente ia viver uma vida diferente?

ZOCA - Sa eu algum dia disse isso eu devia estar maluco. Então eu ia viver junto com uma piranha como você? Já esqueceu que você é uma piranha?

MATILDE - Zoca, me perdoa, pelo amor de Deus.

ZOCA - Agora é tarde. Agora eu já tenho uma mulher que me ama de verdade. E não é igual a você não. Tem classe. Não é piranha não.

MATILDE - Pelo amor de Deus, Zoca. Eu não posso viver sem você.

ZOCA - Vem cá, rapaz. Bote essa piranha na rua. E que ela nunca mais ponha os pés nessa casa.

EMPREGADO - Está aí um rapaz do Rio querendo falar com o senhor.

ZOCA - Não eu pode ter paz mesmo. Quem é?

EMPREGADO - Diz que é o Pedrinho, seu amigo.

ZOCA - Meu amigo? Nem sei quem é esse infeliz. Em todo caso manda entrar. Já perdi o sossego mesmo.

PEDRINHO - Como é que vai, amigão? Não está se lembrando de mim? Sou Pedrinho, filho do doutor Raimundo. Não se lembra que a gente era amigo?

ZOCA - Sé.

EMPREGADO - Pois não, doutor. Quer que eu bote ele pra fora?

ZOCA - digo, PEDRINHO - Mas o que é isso, Zoca?

ZOCA - Doutor Zoca, por favor.

PEDRINHO - A gente era amigo. Eu vim te cumprimentar.

ZOCA - Não precisa ficar puxando o saco não. Já sei que vai pedir alguma coisa mesmo. Que que você quer? Um emprego?

PEDRINHO - Você não está entendendo, Zoca.

ZOCA - Está bem. Vou fazer o que eu posso. Zé, leva esse pobre diabo lá pro advogado. Diz que eu mandei arranjar um emprego pra ele.

PEDRINHO - Mas, mas, não é isso.

EMPREGADO - Vamos, vamos.

PEDRINHO - Mas não é isso.

CICLISTA - Sempre gostei da chuva. Foi num dia de chuva qssim que eu descobri tudo. Puta descarada. Eu estava correndo pelo

CORTE

CORTE

- CICLISTA - meio da praça pra ir pra casa. Então eu vi. Ela estava parada perto do coreto. No começo ainda fiquei em dúvida. Mas quando cheguei perto era ela mesmo. Fiquei empobado com aquilo. Me escondi atrás de uma árvore pra ver o que que ela ia fazer. Daqui a pouco apareceu ele. Quem podia imaginar! Lá foi ela com o barrigudo filha de puta. Não sei como não saltei no pescoço deles e matei ali na hora. Aguardei as pontas e fui atrás. Queria descobrir tudo. Puta descarada. Entraram numa casinha lá perto da igreja. Eu esperá um pouco, saltei o muro e fui ouvir na janela. Chovia pra danar, mas eu ouvi tudo. Piranha filha da mãe.
- MATILDE - Só vim porque o senhor disse que tinha uma coisa importante pra me dizer, que era do meu interesse.
- ALFREDO - Claro, mas nós temos muito tempo. Essa chuva ainda demora a passar. Vamos tomar um drink com calma. Depois a gente conversa. Não precisa ter medo de mim não. Não morde não.
- MATILDE - Não tenho medo do senhor, não, que é isso?
- ALFREDO - Me chama de Didinho. É meu apelido em casa. Bebe. Você vai ver como é gostoso.
- BATILDE - Hum, forte.
- ALFREDO - Assim que é bom, esquento.
- MATILDE - Essa casa também é do senhor?
- ALFREDO - Não me chama de senhor, fico me sentindo muito velho. É de um amigo meu, toma mais.
- MATILDE - Isso dá uma quentura.
- ALFREDO - Não é? Dá vontade da gente fazer umas coisas, né?
- MATILDE - Que coisas?
- ALFREDO - Coisa que padre não gosta.
- MATILDE - Que isso, seu Alfredo?
- ALFREDO - Didinho.
- MATILDE - O senhor é muito saliente. Não sabia que o senhor era assim.
- ALFREDO - Por que que você não faz o que eu te peço, hem belezinha?
- MATILDE - Ih, não estou gostando dessa conversa não. Que que meu noivo vai dizer?
- ALFREDO - Ven cá, gostosinho. Que que seu noivo faz com você?
- MATILDE - Nada, só me dá beijinho.
- ALFREDO - Onde?
- MATILDE - Na boca.
- ALFREDO - E nos peitinhos? Ele não faz nada?
- MATILDE - Não, ele não é disso não.

- ALFREDO - Não é diazo, então de que que ele é?
- MATILDE - É moço respeitador.
- ALFREDO - V-i ver que gosta é de homem.
- MATILDE - Não fala isso, seu Alfredo. Ele até que é bonzinho. Vive dizendo que eu sou diferente das outras.
- ALFREDO - Você é muito diferente, você é uma pérola.
- MATILDE - Ele diz que quando a gente casar nós vamos embora daqui, que via me dar uma porção de coisa.
- ALFREDO - Eu te dou muito mais. Agora esquece esse sacristão e deixe eu tirar as tuas calcinhas.
- MATILDE - Não, sou moça direita. E depois?
- ALFREDO - Eu te dou o que você quiser. Dinheiro. Jóia. Tudo.
- MATILDE - Então dá agora.
- ALFREDO - Você é espertinha, hem;
- MATILDE - Aí eu deixo o senhor fazer tudo que você quiser, Didinho (DÁ UMA GARGALHADA)
- CICLISTA - Eu devia ter desconfiado. Uma risada daquelas tinha que ser mesmo de puta, como fui burro. Claro que eu não ia fazer sacanagem com ela. Como é que eu ia saber que era puta? Banca-va a moça direita, devia ter afundado os tempos nela, depois largado pra lá. Que fosse pra zona. Mas o burro não. Pensando que ela era igual a mim. Mas ela me paga. Ainda vai chorar lágrimas de sangue. Parou a chuva. Melhor. Também já estava enchendo o saco. Mais um pouco e anoitece. Hoje não vou ter sono. Vai ser uma moleza a noite. Estou é meio enjoado. Um calor esquisito no estômago, que será isso? Será que estou doente? Não, bobagem. Não devo nem pensar nisso. Daqui a pouco passa. O negócio é pensar em outra coisa. Distrair a cabeça. Dona Odete. Ô, mulher. A única mulher que presta naquela cidade, mulher fina. Também era a mulher do juiz. Tinha que ser. Ela que eu queria comer. Por que ela não olhava pra mim? Por que ela não ligava pra mim? Mas eu vou vencer. Aí quero ver ela não me olhar. Não vai tirar os olhos de mim. E esse diabo desse estômago que não melhora. Parece até castigo, meu Deus. Está queimando como fogo. Que isso? Estou tendo tonteira? Não, é só impressão. Preciso me controlar. Tenho que tirar as idéias ruins da cabeça. Como eu estou candado. Parece até que me amarraram. Que agonia, meu Deus. Eu preciso vencer. Tenho que mestrar quem sou eu.
- NARRADOR - Mas teu estômago continua queimando. Parece que está cheio de brasa.
- CICLISTA - É só uma azia. Vai passar logo, se Deus quiser.
- NARRADOR - Não, não é só uma azia. O fogo vem até a boca. E tua cabeça começou a doer. Parece que vai estourar de tanta dor.
- CICLISTA - Vai passar, eu aguento.
- NARRADOR - As luzes voltaram a piscar. Você não pode ficar com os olhos abertos. E o pedal está cada vez mais duro. Você já não tem quase força pra tocar ele.
- CICLISTA -

CORRE

- CICLISTA - Que que está acontecendo? Esse pedal está duro mesmo. Que que tem aí, meu Deus? (OUVEM-SE RUÍDOS DE CORRENTES ) Que isso? (ENTRA SEBASTIÃO COM AS CORRENTES )
- SEBASTIÃO - Pára, meu filho. Você está matando seu pai. As correntes estão me esmagando. Por que você quer matar seu pai, meu filho?
- CICLISTA - Eu não quero te matar. Você que não deixa eu pedalar. Sai daí, bebado desgraçado.
- SEBASTIÃO - Pára, meu filho. Pára pelo amor de Deus. Eu só quero o teu bem.
- CICLISTA - Sai daí, bebado imundo. Você que se meteu aí pra me atropelhar, você sempre me atropelhou.
- SEBASTIÃO - Eu queria o seu bem,
- CICLISTA - Não, você sempre desgraçou a minha vida.
- CICLISTA - Me ajuda, meu Deus do Céu. Eu tenho que vender. A Menina de Azul, cade ela? Me ajuda ( APARECE A MENINA DE AZUL ) Você veio. Me ajuda, meu amor. Esse bebado não quer deixar eu pedalar.
- MENINA DE AZUL - Eu estou aqui, meu amor. Nós vamos embora pro Rio.
- CICLISTA - Então faz essas luzes pararem de piscar. Tira esse bebado daí.
- MENINA DE AZUL - Agora você pode pedalar.
- CICLISTA - Mas eu não estou conseguindo. O ped, digo, pedal está duro, cada vez mais.
- MENINA DE AZUL - Agora você vai poder ser você mesmo.
- CICLISTA - Eu tenho que pedalar.
- MENINA DE AZUL - Você vai vencer. Nós vamos embora pro Rio. (DÁ A GARGALHADA DE MATILDE )
- CICLISTA - Não, você não é igual a ela. (CONTINUA A RISADA) Não, não. ( SURTEM JOÃO E ALFREDO QUE DÃO GARGALHADAS ) Eu tenho que vencer. Tenho que vencer. Cade o Rex? Rex, cade meu cachorrinho? Essas luzes estão piscando. Não, não são as luzes. São as estrelas, meu Deus. Eu estou no meio das estrelas. Olha como brilham. (CAI DA BICICLETA. IMEDIATAMENTE JOSÉ CORRE ATÉ ELE E NÃO CONSEGUE LEVANTÁ-LO )
- JOSÉ - Levanta, rapaz. Depressa. Senão passa um minuto.
- CICLISTA - Levantar pra que? Já scabou. Eu estou no meio das estrelas. Não está vendo elas piscando? EU VENCI; EU VENCI? eu venci.

FIM.